

Silas de Paula
Fotógrafo e Professor

Em um mosaico inventado, a vida revela-se em instantes de luz, olhares, escolhas e afetos

Lá no começo, ao fotografarmos a vida com a retina dos nossos olhos, não sabemos ao certo a imagem que se fixará nas linhas da palma da mão. O obturador, para que entrem luz e histórias, vira portal. Deve-se ajustar bem o diafragma para entender a profundidade das coisas. A vida, então, revela-se em instantes. Silas José de Paula não se tornou fotógrafo com a primeira câmera, e sim ainda menino, quando deitou os olhos sobre o mundo e escolheu viver, intensamente, cada fotograma. As páginas que vêm a seguir surgem como fotografias esparramadas na mesa do centro da sala, que tocamos na tentativa de apreender um pouco da vida que ficou, nelas, impregnada.

No primeiro retrato, temos entre os dedos um senhor de cabelos brancos cortados (nem curto, nem comprido) e barba feita (que emoldura o rosto há 40, dos quase 60 anos dele). A camisa lilás aparece dobrada na altura dos cotovelos, como se acostumou com o passar dos anos. Tem as pernas cruzadas, os braços bem abertos para mostrar alguma coisa e uma postura levemente curvada, e ainda assim elegante. É possível – tente – ouvir a voz desse capixaba, cuja melodia oscila entre os tons mineiros e cariocas, com leves notas cearenses.

Afastando o que está na superfície, surge um menino de 12 anos que se candidatou a padre. Não por vocação, mas pela vontade de sair do Castelo e correr o mundo. Essa imagem traz, em si, as gargalhadas dos garotos que roubavam a comida dos padres na madrugada. À autoridade, à disciplina, ao moralismo e às agressões físicas dos religiosos, respondiam com bolas de gude na escada. O riso de hoje aprendeu a rir naqueles dias que não eram fáceis nem difíceis.

Depois do Seminário, desaprendeu a rezar todas as orações, mas, nesta outra fotografia, podemos vê-lo sussurrando o que chama de mantra, pedindo a quem quer que seja que proteja sua "flor" e seus três filhos. Religioso sem Deus, inventou as próprias crenças. A maior delas: ser professor. Exerce tal ofício com devoção, mas não é santo e odeia que lhe digam amém. É ator, performer e palhaço do circo que inventou.

Com uma generosidade egoísta, ensina porque quer aprender. Ultrapassando as salas de aula, reúne em torno de si jovens que também querem brincar com a luz.

Aos que esperam cordialidade e bons modos, responde com um dedo na cara. Não por má-educação, e sim porque o sangue ferve. A veia da loucura, na lateral esquerda da testa, lateja e explode em reações inesperadas, aumentando a saturação da pele rosada. Não saia correndo, insista. Contrarie, discuta. É no conflito que ele encontra a paz. Não em brigas bobas, mas naquelas que transformam, a ele e ao mundo. Da cara fechada, a priori, logo surgem risos e sorrisos que inundam o 10x15 do retrato.

No meio de tudo, surge o "maluco" em uma daquelas fotografias que arranca um sorriso, por identificação ou estranhamento. Vizinho de Woodstock, "apertador de cu de galinha", aspirante a fotógrafo de cinema. Os mais desatentos não verão a relação entre o primeiro retrato e este. Os que enxergam com o coração podem ver, sim, que o maluco ainda está por lá. De camisa de botão, mas menino para o resto da vida.

Silas José de Paula é um convite a viver a vida com uma alegria sem tamanho. A debochar do medo, não só por arrogância, e sim por coragem. "Na realidade" – como costuma pontuar suas frases, junto com um "tremendamente" –, carrega paixão por tudo que faz. E, se não tem paixão, não faz, troca, muda, pára, vai embora. Volta. A fotografia, sua companheira de estrada, sabe bem o que é isso. Hoje, depois de tantos prêmios e trabalhos, diz que quer ser o fotógrafo que nunca foi.

A última fotografia é sua, leitor. Não é a mais verdadeira, como nenhuma destas é. Esta página é um instante congelado. Um momento "imaginário". Uma imagem possível. Mas preste bastante atenção nos olhos dele. Tal qual uma fotografia envelhecida, seus olhos hoje têm a cor que o tempo deu. Não são nem verdes, nem castanhos. São do tom que a vida fez. Quando olhamos lá dentro deles, é possível sentir a força que têm, porque ainda vibram. O papel envelhece, o que foi fixado não.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:
Anamélia Sampaio
Everton de Sousa
Iana Soares

Texto de abertura:
Iana Soares

Entrevistadores:
Anamélia Sampaio
Evelyn Ferreira
Everton de Sousa
Fernanda Sá
Iana Soares
Ingrid Baquit
Máira Romcy
Roger Pires
Talles Rodrigues
Yuri Alexsander

Fotografia:
Analice Diniz
Lara Vasconcelos
Roberta Felix
Yuri Leonardo



Entrevista com Silas José de Paula feita dia 27 de abril de 2010

Iana – Você vem de uma cidade – Castelo, no Espírito Santo – com forte influência da imigração italiana. Você disse que era tradição toda família ter um padre. O que fez um menino de doze anos se candidatar a esse posto?

Silas – Primeira coisa: fugir de casa. Com doze anos e uma família de sete filhos com mais uma sobrinha, um sobrinho, uma casa enorme onde tinha de dividir tudo, nada melhor do que fugir de casa. E a melhor forma, a única que tinha, era ser padre. Mas eu não queria ser padre, queria sair de casa. Além da fascinação de sair de um local como Castelo e ir pra Ribeirão Preto, em São Paulo, que era a mesma coisa que sair daqui pra lua. Um menino de doze anos que não tinha rodado mais que cem, cento e poucos quilômetros. Era uma fascinação muito grande.

Yuri – E a que você atribui esse desejo tão – na minha opinião – precoce, de querer sair?

Silas – Olha, eu, na realidade, desde pequeno achava que nunca ia parar em lugar nenhum, que ia viajar a vida inteira. Acho que viajar é uma das melhores coisas do mundo, uma das melhores experiências que a gente tem. E uma dessas coisas era ir pro seminário (*de Ordem Agostiniana, inspirada em Santo Agostinho – argelino que foi padre, bispo, teólogo, filósofo e doutrinador da Igreja Católica e viveu entre 354 e 430. A Ordem foi fundada em 1244, na Itália, e chegou ao Brasil pela primeira vez em 1693, estabelecendo-se definitivamente em 1899*). A outra era ir trabalhar com os índios, que na época que eu era menino tinha essa história dos padres que iam pro Amazonas, iam pra África. Então, eu não estava muito preocupado com Deus ou qualquer coisa nesse sentido, não. Era muito mais uma experiência sair de Castelo, uma cidade que na época dava um tédio horroroso.

Maíra – Na sua época de seminário, vocês não tinham nenhum tipo de lazer. O lazer acabava sendo a traquinagem, fazer o proibido e sempre ser punido. Como foi ser uma criança e ser privado de lazer, que é uma coisa inerente às crianças? Como é que vocês lidavam com isso?

Silas – Olha, na realidade, nunca me fez falta. Não acredito que eu tenha ficado traumatizado com isso, não. Nós inventávamos

o nosso lazer. Porque essa relação de autoridade com os padres... Era uma disciplina tremendamente rígida, mas a gente aprontava. Aprontava, ficava de castigo, às vezes apanhava fisicamente, inclusive. Mas era uma diversão enorme. Acordar de noite e fazer padre sair correndo lá do quarto pra saber o que estava acontecendo! A gente se divertia muito, se vingava, não tinha muito uma história de guardar um rancor. Quer dizer, hoje, lembrando disso, ficava muito chato, porque a gente rezava muito, estudava muito e brincava pouco. Alguém que tem doze, treze anos, passar o dia rezando... ou vai pro céu ou vai pro inferno, minha mãe que dizia isso. Porque quem vai pra seminário ou dá pra padre ou dá pra sem vergonha. Eu fiquei no meio.

Fernanda – Na pré-entrevista, você disse que era muito religioso. Posteriormente, você rompeu com a Igreja Católica. A experiência no seminário teve alguma coisa a ver com isso?

Silas – Não, acho que não. Eu acho que é muito mais a minha vida. Eu deixar de ser religioso aconteceu bem depois de eu deixar o seminário. Na realidade, quando deixei o Seminário ainda era bastante religioso. Nunca fui religioso fanático, sabe. Eu rezava, acreditava em Deus e fazia promessa, essas coisas todas normais de um católico praticante, filho de uma família italiana, católica. Mas nunca... Eu acho que eu fui começar a perder essa relação com uns dezoito, dezenove anos, vinte anos. Com a própria vida, né? Comecei a perceber determinadas questões, principalmente com a Igreja Católica, que me afastaram profundamente de qualquer tipo de religião. Passei a ter muita raiva de padre, de freira, de qualquer coisa desse tipo. É lógico que dentro do próprio Seminário aconteceram algumas coisas que influenciaram bastante, né? A postura de alguns padres...

Iana – Tipo o quê?

Silas – Os padres, com raríssimas exceções, eram muito filhos da puta, mas muito, muito mesmo. Era uma relação de autoridade muito forte, de um moralismo terrível. Fui expulso do altar uma vez porque esqueci – era em latim – a resposta que tinha que dar pro padre, um italiano que tinha fugido da Guerra Civil Espanhola

Silas nasceu dia 15 de dezembro de 1950, à 1h30 da madrugada, pelas mãos de uma parteira. É sagitariano com ascendente em libra.

Filho de Ecir Silas de Paula e Etelvina Tassis de Paula, Silas é o terceiro de sete filhos, um deles "de criação". São quatro homens e três mulheres. "Uma metade branca, outra morena".

Também teve uma “Dinda”, uma mãe de criação, Maria Ana Zambon. Até hoje, quando visita Castelo, ela prepara a comida dele e esconde um pedaço maior de carne debaixo do arroz. Para ela, Silas é o “Pirila”.

(*Conflito bélico na Espanha que durou de julho de 1936 a abril de 1939*). Então você podia imaginar: o cara era um desastre total e absoluto, de um autoritarismo horroroso. E ele se virou – eu estava ajoelhado na igreja cheia de fiéis, acho que era uma das primeiras missas da manhã, estava sempre lotado – e me expulsou na frente de todo mundo. Fiquei tremendamente envergonhado, você imagina ser expulso do altar. Além de envergonhado, achei que ia pro inferno, né. Porque não era só a relação com as pessoas que estavam ali fora, mas você vai expulso de um altar divino, de alguma coisa desse tipo. Além de envergonhado, fiquei um pouco assustado.

Roger – Por que tanto castigo assim? Era normal?

Silas – Não, porque a gente aprontava. Você tinha uma educação muito rígida. Por exemplo, a gente entrava no prédio da escola – o seminário só tinha prédio – e não podia mais falar, todo mundo tinha de ficar em silêncio. Durante a semana praticamente ninguém podia falar na hora do almoço, a não ser quando o padre soltava uma senha e a gente falava “*deo gracias*” (*Graças a Deus, em Latim*), e podia falar. Se não, tinha de almoçar em silêncio e não conversávamos com ninguém do lado. A manhã inteira era tendo aula e rezando ou estudando, com um aluno sentado na cadeira lá da frente, marcando quem não estudava.

Roger – Por que o senhor aguentou tanto castigo assim?

Silas – Veja bem o que eu estou lhe dizendo. Não era tão traumático, entendeu? Eu não sei... A gente sabia que ia ser castigado, estava esperando e o padre botava todo mundo lá embaixo ou em pé ou todo mundo ajoelhado com os braços em cruz (*abre os braços*). A gente se divertia. Era uma coisa meio maluca. Talvez por não ter

“Os padres, com raríssimas exceções, eram muito filhos da puta, mas muito, muito mesmo. A relação era uma relação de autoridade muito forte, de um moralismo terrível.”

Quando foi convidado para ser entrevistado, deu como resposta um “não” bem redondo. No minuto seguinte, quando Lana falou que era uma pena e teríamos de convidar outra pessoa, aceitou. “Mas você pode pensar e me dar a resposta depois”. “Eu já não disse que aceito”

tanto... Era uma forma de rebeldia. Mas aí no último (*ano*) eu saí, já estava de saco cheio. Não tinha coragem de pedir para ir embora, porque ia ser complicado pra minha família, então eu passei a aprontar muito mais.

Evelyn – Na pré-entrevista, você disse que não acreditava em Deus, mas queria acreditar porque achava que sua hora, a hora da sua morte, estava chegando. Por que você gostaria de acreditar? Você tem algum arrependimento? Alguma coisa sobre o que você pediria perdão?

Silas – Ah, não, não. É que eu queria ficar pra semente. Esse negócio de morrer... Não gosto dessa parte não. E, na realidade, estou muito mais próximo de morrer do que vocês. Pelo menos como ordem natural das coisas, eu vou morrer primeiro. E a sensação de que tudo se acaba – ou não é nem se acabar, de qualquer jeito acredito em transformações. Eu acho que nada se perde, tudo se transforma – a ciência funciona desse jeito –, mas o meu medo ou qualquer coisa em relação à morte é a perda da memória. A memória é muito importante. Lembrar das coisas, das pessoas. Essa questão é fundamental pra mim, mas é só isso. E é lógico que tenho medo da morte e, se eu acreditasse em Deus ou em uma outra vida, tudo ficaria mais fácil, pelo menos acreditaria que essas questões iriam permanecer, mas não acredito, não. Já tentei e pra mim as coisas realmente se acabam e você vira parte de uma transformação maior desse universo, qualquer coisa desse tipo. Mas não da forma como ela é pregada: a gente vai pro céu, ou vira anjo ou vira santo. Qualquer coisa nesse sentido, não acredito muito não. Apesar de morrer de medo de alma, isso é outra questão, não tem nada a ver.

Lana – Na entrevista que fizemos com o Ziraldo (*primeiro entrevistado desta edição*), ele disse que escrever era uma maneira que inventou de driblar a morte. Qual foi a forma que você inventou de driblar a morte?

Silas – Ser professor universitário. Não é só ser professor universitário, é construir alguma coisa. De alguma maneira nós estamos aqui – e talvez isso seja algo meio religioso, que eu digo que não sou – por alguma razão e pra fazer alguma coisa. Pro bem ou pro mal... E acho que o único meio que você tem de driblar é construir alguma coisa. Eu acho que tem um fundo de verdade: escrever um livro, ter um filho, plantar uma árvore. Tem alguma coisa que todo mundo já falou de uma outra maneira. Não dá pra você passar impunemente por essa vida.

Ingrid – Silas, você falou que perdeu essa parte da religião católica perto dos vinte anos e você percorreu o mundo. Em ne-

nhum momento você se apegou a outra fé ou precisou de algum ser superior?

Silas – Olha, se você não tem algum tipo de meta ou de perspectiva de vida ou uma crença, qualquer que seja ela, a vida fica muito difícil. Eu tenho algumas crenças. A maior crença é no ser humano e isso me faz trabalhar nessa perspectiva. É um tipo de crença como qualquer outra. Acho que quem não tem crença nenhuma tem alguma dificuldade de sobreviver, né? Que perspectiva que tem na vida? O que você tá procurando? O que quer fazer? Nada? “Não sinto nada, não penso nada”. Acho muito difícil viver desse jeito.

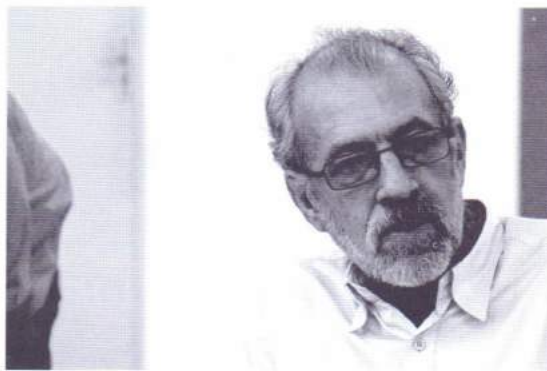
Maíra – Você falou que desde pequeno sabia que queria viajar muito, que não queria parar em nenhum lugar. Você acha que isso foi desenvolvido ou agravado pela questão de passar dois anos e meio em uma clausura, durante a época do seminário?

Silas – Não, acho que não. Eu não sei, mas acho que todo mundo gosta de viajar. É uma coisa que já vem dentro da gente, como uma curiosidade nata por coisas que você não conhece, por coisas que mudem alguma coisa. E eu acho que a viagem lhe dá muito isso, lhe dá conhecimento, uma série de perguntas que você tem. Você imagina viver em uma época que não tinha internet... Se você quisesse ver alguma coisa, tinha de ir lá. Não dava pra olhar aqui, abrir e ver o que está acontecendo. Fui conhecer televisão com quinze anos de idade, gente. Não sou tão velho. Já tinha televisão, mas em Castelo não tinha. Acho que essa necessidade de ver coisas vem com todo mundo. Por que Marco Polo (*Mercador e explorador italiano, nascido no século XIII, que ficou conhecido por viajar pelo mundo e relatar suas aventuras, reunidas em vários livros que povoaram o imaginário ocidental*) contou tantas histórias? Por que tanta gente gostava de ouvir as histórias dele? Por que ele viajou pelo mundo inteiro? Essa coisa é muito natural do ser humano, não acho que o Seminário tenha tido alguma interferência nesse processo, não. Acho que isso, no Seminário, já era o início de algo que eu estava querendo e não ficar também. Chega uma hora no Seminário que você pira, né?

Iana – E aí você quis sair do seminário.

Silas – É, passei o último ano no seminário e acho que, se eu saí seis dias de recreio, foi muito. O resto eu estava de castigo. Todos os dias de castigo. Todos os dias, sem exceção, ou era rezando ou era... (*de castigo*).

Iana – Naquela época, você voltou pra Castelo e depois foi pra Niterói, porque sua irmã (*Lizete de Paula, a irmã mais*



velha) teve vontade de fazer Arquitetura e a família toda se mudou (*menos o pai, Ecir de Paula, que continuou em Castelo*). Em uma conversa, você disse que teve um filme, naquele período (*Silas tinha 16 anos*), que te marcou, *A Mulher das Dunas* (filme dirigido pelo japonês Hiroshi Teshigahara, de 1964. Foi indicado ao Oscar nas categorias “melhor diretor” e “filme estrangeiro” e ganhou o Prêmio Especial do Júri, em Cannes). Eu queria que você falasse da sensação ao ver o filme e da vontade de fazer cinema depois que viu.

Silas – É, eu tenho uma irmã (*Lizete*) que é mais ou menos a minha guru em uma série de questões. Tem uma placa no colégio, na minha cidade, com o nome dela como sendo uma das melhores alunas que passaram pela escola. Era uma coisa meio complicada, porque eu odiava estudar. E quando ela tirava noventa e cinco, chegava em casa chorando. Quando eu tirava setenta, eu chegava dando salto mortal de felicidade, porque normalmente ficava reprovado. Na realidade, sempre foi uma figura meio importante, como irmã mais velha, na vida de todo mundo. E, no Espírito Santo, não tinha escola de Arquitetura. Ela convenceu meus pais a fazer vestibular no Rio (*de Janeiro*) e passou. Meu pai ficou meio assim com a menininha de dezoito anos morar sozinha no Rio... E mudou a família inteira por causa dela. Nós fomos morar em Niterói.

E a Lizete na arquitetura, com uma série de artistas, foi começando no movimento político. Ela começou a faculdade exatamente em 64. Deixou de ser uma filha de Maria, uma pessoa tremendamente católica, e se engajou numa militância política muito grande – essa mudança de uma garota do interior pra capital exatamente depois do Golpe de 64. E eu andava muito com ela. Nunca tinha visto um cinema de arte. Castelo tinha um cinema (*risos*) de matinê, final de semana e aqueles filmes bem bestas – e eu gosto até hoje, mas eles são meio bestas. Nada de um filme mais ou menos sério. E ela me levou uma vez pra assistir um filme no Museu da Imagem e do Som. Um

Quando foi para os Estados Unidos, Silas abandonou o “Terceiro Científico”, correspondente, hoje, ao terceiro ano do Ensino Médio. Mesmo contrariado, o pai lhe deu a emancipação, necessária para um jovem de 21 anos sair do país.

Para cursar Comunicação Social na UFC, aproveitou-se do “Artigo 99”, uma espécie de Supletivo, através do qual a pessoa conclui a formação escolar em menos tempo.

Foi incentivado a fazer Vestibular pelo amigo Horácio Frota, que ingressou na Universidade naquele mesmo ano e hoje é sociólogo e professor da Universidade Estadual do Ceará.



filme japonês, tipo cinema de arte, aquele filme bem chato. Demora pra cacete. Era *A Mulher das Dunas* e fiquei fascinado com a fotografia de cinema. Um filme em preto e branco, de um cara que caça insetos, vai preso numa comunidade – você pode colocar essa comunidade dentro do Ceará, porque é um local de dunas, de areia – e é jogado dentro de um buraco nas dunas pra tirar areia pra essa comunidade. E colocam uma mulher junto com ele. Essa é a história. Não lembro muito do roteiro, da história do filme. Lembro da fotografia, de detalhes, da câmera passando pelos corpos, da luz – uma luz meio dura. Fiquei fascinado e falei assim: “vou ser fotógrafo de cinema”. Naquela hora eu resolvi que ia ser fotógrafo de cinema. Não fotógrafo normal, eu queria fazer fotografia de cinema. E durante muito tempo eu tentei. Todo mundo sempre quis ser diretor, ator, não sei o quê. Eu queria ser fotógrafo. De cinema. Por isso que virei “fotógrafo-fotógrafo” (*ênfatisa*). Que a minha idéia era fazer fotografia pra fazer cinema.

Anamélia – E decidir ir para os Estados Unidos foi movido pela vontade de fazer cinema?

Silas – É uma coisa mais doida, veja bem. Nós éramos quatro amigos (*Henrique, Sebastião e Itamar Tassis, o Tatai – ele não lembra os sobrenomes de todos*), queríamos fazer cinema e sair do Brasil era fundamental porque a gente estava no meio de uma ditadura. A idéia era fazer cinema, inclusive, pra lutar contra a ditadura. E aí um foi pro Chile (*Tião*), o outro (*Henrique*) foi pra Suécia, o Tatai foi pra Londres e eu fui pros Estados Unidos. E nós fizemos um pacto de nos encontrar em Paris um ano depois e estudar cinema na França. E depois voltar pro Brasil. Com vinte anos você acredita, você acha que dá certo (*risos*). Mas se não tem dinheiro, igual à gente, não tem a menor possibilidade. E aí foi essa história, fui para os Estados Unidos e deu um desencontro total e absoluto. Como a maior parte dos brasileiros que ficam lá ilegais, fui deportado. O Henrique foi deportado da Suécia, o Tatai foi preso na Inglaterra, por venda

de droga e dinheiro falso, e o Tião foi preso no Chile. Foi um desastre total e absoluto.

Fernanda – E por que você escolheu os Estados Unidos?

Silas – Era o local mais fácil. Quem já ouviu falar em imigração nos Estados Unidos, já deve ter escutado falar em Governador Valadares (*Município de Minas Gerais*), o centro mundial da exportação de gente para os Estados Unidos. Todo mundo de lá já foi. Pode ser analfabeto, gente que trabalha em roça, ladrão, tudo. E essa história começou com meu primo, Wanyl Colodetti, em 1960 e um pouquinho. Ele fez parte de um grupo de pracinhas (*soldados do Exército Brasileiro*) que o Brasil mandou para integrar um corpo da ONU (*Organização das Nações Unidas*) no Canal de Suez (*Canal que liga Porto Said, um porto Egípcio no Mar Mediterrâneo, a Suez, no Mar Vermelho*), naquele litígio que sempre teve entre Egito, Palestina, Israel (*o Brasil integrava a Força de Emergência das Nações Unidas e testemunhou a “Guerra dos Seis Dias”, conflito entre israelenses e árabes, em junho de 1967*). Quando chegou lá, descobriu que os Estados Unidos estavam aceitando imigração. E ele não estava estudando, era do interior, pô.. “– Opa, é uma boa dica”. Então ele foi para os Estados Unidos. Você trabalhar lá como garçom, na construção, qualquer desses empregos ou subempregos que tinha aqui no Brasil, era maravilhoso, porque mandava dinheiro pra família. Todo ano ele vinha pro Brasil, comprava um carro velho, passava o carnaval, gastava uma grana preta! Arranjava dez mil namoradas e essa coisa foi, de alguma maneira, influenciando os amigos. Em uma cidade no interior, sem perspectiva nenhuma, quem não é filho de rico tem uma possibilidade e as pessoas começaram a ir pros Estados Unidos. E boa parte da minha família estava lá. Eu estava sem grana, né? “Pelo menos eu dou uma ligada pro meu primo e não vou morrer de fome”. Os jovens fazem loucura, mas eles têm um pezinho atrás. Eles podem ser loucos, mas não são burros. A loucura é boa. A burrice... só algumas.

Tales – Você disse que tinha esse propósito de fazer filmes pra lutar contra a ditadura. Você teve algum envolvimento maior com esses movimentos contra a ditadura?

Silas – Não. Quer dizer, tive aqui depois de bastante tempo no Ceará, quando fui diretor do jornal O Mutirão (*Jornal da imprensa alternativa cearense, fundado em setembro de 1977. Existiu durante cinco anos, em plena ditadura militar*), que era um jornal alternativo e tal, mas nunca militei politicamente como, por exemplo, minha irmã (*Lizete*) que era do PCdoB (*Partido*

Lizete de Paula, a irmã mais velha, abandonou a Arquitetura e hoje é “bruxa”, como define Silas. Especializou-se nas terapias com Florais de Bach e também se arrisca como astróloga.

Comunista do Brasil), do grupo do Araguaia, que ia pra guerrilha (*A Guerrilha do Araguaia – localizada às margens do rio homônimo, na região norte – foi um movimento de luta armada organizado pelo Partido Comunista do Brasil, entre 1967 e 1974, que acreditava em uma Revolução Socialista iniciada no campo, depois da derrubada do regime militar*). Eu era bem mais cagão. Acho que ainda sou.

Maira – Você dizia que hippie (*termo usado para definir parte do movimento de contracultura da década de 1960*) era coisa de americano e se autodescrevia como maluco. Esse seu estilo de vida se assemelhava muito com o estilo dos hippies? Foi dos Estados Unidos que você trouxe isso?

Silas – Foi. Já tinha um pouco antes, né. Esse movimento hippie de alguma maneira, aqui no Brasil, já tinha bem antes de eu ir pros Estados Unidos. Pessoas já eram cabeludas, já tinha esse movimento de paz e amor, aquelas coisas todas. Até esse “faça amor, não faça guerra”, da Guerra do Vietnã (*Conflito armado no Sudeste Asiático que durou entre 1959 e 1975, dentro do contexto da Guerra Fria*) veio do Brasil de alguma maneira. Mas a gente tinha um embate muito forte no Brasil que era a relação com o movimento político-militante contra a ditadura militar e essa relação de uma juventude que ao mesmo tempo tinha uma rejeição à Ditadura, mas também via com uma certa desconfiança todo o autoritarismo da esquerda. Esse embate foi muito forte. Por mais que tivesse a rejeição à ditadura, a relação com a esquerda era muito complicada porque exigia posturas que, hoje, ainda acho tremendamente conservadoras. Por essas razões e talvez também por cagaço – porque nas esquerdas você tinha de lutar e ser preso (*risos*). Apesar de que, no outro lado (dos que preferiram resistir como malucos), nós também fomos presos, apanhamos – não tanto quanto o pessoal de esquerda –, mas era um movimento de uma juventude que era contra o status estabelecido de alguma maneira. Fomos procurando uma certa relação também com a mesma liberdade que o pessoal de esquerda procurava, acho que só de uma outra maneira. Acho muito difícil colocar em questão pessoas que deram a vida por determinadas idéias – eu não faço isso de jeito nenhum – que são fundamentais, como liberdade. Mas continuo, até hoje, achando que a esquerda sempre foi, e é, tremendamente autoritária, conservadora. E esse outro lado (*dos malucos*), não. Como a gente tinha um problema com os Estados

“Eu passava o dia inteiro assim: apertando cu de galinha. Quando terminava estava todo cagado! Um cheiro de merda de galinha! Era uma coisa terrível. Mas adorava porque era um trabalho mole pra cacete.”

Unidos imperialista, nós preferíamos nos chamar de malucos e sexo, drogas e rock n’ roll era mais interessante do que pegar em armas (*risos*). Na realidade havia um movimento interessante que era a não violência ativa, mas a não-violência não implicava em omissão, era uma forma bem indiana do processo... Eu acho que são movimentos políticos e essa questão perpassa meu processo. Primeiro que eu tenho umas irmãs que eram militantes. As mulheres eram militantes políticas e os machos malucos.

Iana – Em relação às drogas, essa tua experiência com um “universo colorido” começou em Nova Iorque?

Silas – Ah não, começa no Brasil. A minha geração experimentou muito, em todos os níveis e sentidos. E droga era uma delas (*experimentações*). É tanto que o receio, o medo, de drogas que tenho hoje, qualquer que seja ela – menos o cigarro que eu fumo, acho que ele vai me matar também, mas vai demorar mais – é porque nós éramos quatro (*Henrique, Tatai, Tião e ele*), hoje só eu estou vivo, todos morreram com as drogas. Então isso é algo que me assusta até hoje.



Fumante há anos, após quase duas horas sem nenhum cigarro, a primeira frase de Silas após a entrevista foi “E agora eu vou fumar!”.

O cheiro de cigarro no Estúdio de Fotografia da UFC surpreende os desavisados. O odor está impregnado no local, mas depois de alguns minutos o nariz se acostuma.

Silas tem três filhos: Lia, Tiago e Cilene. Lia é fruto do seu relacionamento com a jornalista Lígia Girão e Tiago do atual, com Nívea. Os dois também adotaram Cilene.

“Meu terapeuta ficava impressionado como eu tinha sobrevivido nessas loucuras todas. Uma delas foi nunca ser louco o suficiente pra morrer”.

Foi uma geração que entrou de cabeça.

Everton – Você falou que foi para os Estados Unidos somente para fazer um curso de Inglês em Miami, mas acabou permanecendo por mais dois anos naquele país (*de 1971 a 1973*). Como você se sustentou durante esse tempo?

Silas – A gente é louco, mas não é burro. Eu sabia que não iria conseguir ficar em Miami porque não tinha dinheiro. Comprei a passagem à prestação: Rio - Miami - Nova Iorque. Nova Iorque era onde estava meu primo (*Wanyl Colodetti*). E ele me botou num ônibus pra o interior de Nova Iorque pra trabalhar num matadouro de galinha, beneficiamento de galinha, essas coisas. Mas eu sabia que isso iria acontecer. Então eu fui preparado e consegui convencer o curso de Inglês – acabei fazendo só a metade – para que me devolvessem a metade da grana. Chorei, fiz um teatro enorme.

Roger – E o sonho de fazer cinema persistia paralelamente?

Silas – Lógico! Essas coisas acontecem no devido tempo. Eu não era muito ansioso com essa história. Queria fazer, mas eu tinha vinte anos, então, com toda ansiedade, estar nos Estados Unidos pra mim já era uma coisa maravilhosa. As pessoas falavam e eu não entendia nada, não sabia falar inglês. Era uma vida bem interessante, apesar de trabalhar igual a um doido. Porque lá no beneficiamento só tinha imigrante ilegal então os caras botavam pra lascar em cima da gente...

Iana – O que você fazia lá no beneficiamento?

Silas – Tinha uma (*função*) que era apertar cu de galinha. (*risos*) Era uma situação bem interessante, mas era mais tranquila, porque uma delas era ficar com uma pá, quase oito horas por dia, levantando gelo. Imaginem que eu tinha quinze quilos a me-

nos. Então dá pra imaginar que, com uma pá deste tamanho (*abre os braços*), eu morria, né? A chefe foi com a minha cara – ou achou que eu ia morrer com a pá – e me colocou, mais uns três ou quatro, pra apertar cu de galinha. Saía uma merdinha pra limpar. Eu passava o dia inteiro assim: apertando cu de galinha. Quando terminava eu estava todo cagado! (*risos*) Um cheiro – imaginem – de merda de galinha! Era uma coisa terrível. Mas eu adorava apertar cu de galinha porque era um trabalho mole pra cacete. (*risos*) Não tinha a mesma coisa dos outros, que tinha de puxar caixas cheias de peru e de galinha. E eles pagavam bem.

Yuri – Você falou sobre quão interessante era estar nos Estados Unidos e da importância em viajar para agregar conhecimento. O que você tirou desse período que passou lá? O que mais marcou?

Silas – De alguma maneira, a gente sempre faz parte da história. Por exemplo, eu fui morar perto de Woodstock (*Festival de música que aconteceu em agosto de 1969, em Bethel, no estado de Nova Iorque, e reuniu aproximadamente meio milhão de pessoas. Símbolo do movimento hippie, o Festival teve apresentações de diversos artistas, entre eles Janis Joplin, Joan Baez, Jimi Hendrix e o grupo The Who*). Não assisti ao festival, mas fui morar bem perto em função da música, do tempo, do movimento hippie, essa coisa todinha que aconteceu naquela época. Viver nos Estados Unidos pra mim foi muito interessante, não só por isso, mas também pela tecnologia muito mais avançada. Você imagina isso em 1970 – hoje é muito maior –, era uma doidera, tinha coisas que... Até as lanchonetes me deixavam fascinado, eu achava o maior barato... Coisas coloridas... Conhecer as pessoas e a possibilidade de chegar perto de uma universidade que eu gostaria de entrar... Eu acho que a própria vida.

Iana – Como foi a tua deportação?

Silas – Saí de Nova Iorque, do matadouro de galinhas, porque lá não estava dando porra nenhuma. Eu estava trabalhando (*muito*) e não podia estudar. Meu sonho de fazer cinema iria por água abaixo e eu ficaria lá matando galinha e peru por uns dez anos, não ia sair disso. Resolvi ir pra Boston porque era uma cidade com uma universidade e lá poderia alcançar alguma coisa. Eu era meio irresponsável e cheguei em Boston sem dinheiro. Não consegui emprego e estava desesperado, na rua. Um dia eu estava andando numa praça em Boston, meio desesperado, e passei por um cara – um típico americano: com o cabelo lá em baixo, a blusa tipo John Lennon, aquelas franjas de

Logo após o nascimento de Lia, Silas separou-se de Lígia e foi “pai solteiro”, enquanto a mãe estava trabalhando em Londres. As pessoas tinham medo que não cuidasse direito dela, mas muitas amigas o ajudavam.

couro, o casaco bem anos sessenta – que quando olhei achei estranho. Olhei pra ele e ele olhou pra mim. Era o ex-namorado de uma irmã (*não era a mais velha*). Ele era mineiro de Governador Valadares. Ele disse: “Silas, tu tá morando aonde?”. “Porra eu tô fudido, sem casa, sem emprego”. “Então vamo lá pra minha casa”.

Só que a casa dele só tinha doido, era uma coisa fora do comum. Todo mundo doido, todo mundo drogado, ninguém fazia porra nenhuma. Orgia e droga o dia inteiro. Aí eu conheci um cara que chamavam de General. O cara era uma figura! Tinha uma cara meio de Jesus Cristo, magro, alto, andava sempre com um casaco preto enorme ou então azul. Ele tinha vindo de Nova Iorque, era um junkie (*drogado*), tomava heroína e estava fudido, tinha levado umas facadas em Nova Iorque. Ele foi hospitalizado, quase morto, e, quando melhorou um pouquinho, fugiu pra não ser deportado. Fiquei amigo dele. Nesse meio tempo arranjei emprego de bassboy (*assistente de garçom*). Ganhava um salário “x” mais dez por cento da gorjeta. Com esse dinheiro, saí daquela casa maluca e aluguei um apartamentozinho pra eu morar. O General me procurou porque estava mal. Arranjei um emprego pra ele na cozinha de uma lanchonete que ficava aberta até três ou quatro horas da manhã. Ele foi trabalhar na cozinha e o dono do restaurante adorava o cara. Ele (*o General*) tomava anfetamina e ficava a mil por hora: arrumava e lavava a cozinha dez vezes por dia – cozinha ficava brilhando porque ele não conseguia parar. Eu tinha feito um acordo com ele que ele iria morar comigo, mas aí eu disse pra ele o seguinte: “Tá legal, mas você vai ter que parar com heroína ou qualquer droga pesada, porque se não vai dar merda. Heroína chama polícia braba. Então se você for morar comigo vai ter que me fazer uma promessa: nada de heroína”. “Não, não, eu tô afim de parar”. Mas um dia ele chegou pra mim e disse: “Olha, Silas, dá mais não. Eu vou comprar heroína”. Eu falei: “Tudo bem, mas então, por favor, saia lá de casa, vá morar em outro canto”. E ele foi embora. Nessa noite, eu fui preso. A polícia bateu lá em casa de madrugada. Quando eu ouvi assim: “*imigration*” (*imitando a voz e o sotaque do policial, risos*). Eu falei: “fudeu!”. Não dava pra fugir. Abri a porta e os caras me pegaram e me levaram preso. A gente sempre achou que ele fez um acordo com a imigração e entregou uma porção de brasileiros.

Por outro lado, tem outra história e até hoje não sei qual é a que tem fundamento. Eu tinha dois amigos americanos completa-

mente malucos que tinham vindo da guerra do Vietnã. Um dia me falaram que ia ter uma palestra, na Universidade de Harvard (*Instituição de ensino superior mais antiga dos Estados Unidos, fundada em 1636, em Cambridge, Massachusetts*), sobre o Brasil com o Márcio Moreira Alves (*jornalista e deputado federal que, em setembro de 1968, proferiu um discurso no Congresso Nacional, convocando um boicote às paradas militares em celebração ao dia da pátria. Faleceu em 2009*), o cara que foi o gatilho do AI-5 em 1968 (*Ato Institucional Nº 5, decretado durante o governo de Artur da Costa e Silva, que dava ao presidente poderes para fechar o Congresso Nacional, caçar mandatos de parlamentares, suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer pessoa, suspender garantias do Poder Judiciário, entre outros*), o embrutecimento total da ditadura no Brasil. Ele era deputado, foi cassado e fugiu do Brasil. Era uma palestra, eu lembro até hoje, “Brasil, não é tempo de lágrimas”, onde mostrava toda a tortura que era feita em presos políticos. Quando cheguei lá, encontrei uma porção de brasileiros, uma porrada de estudantes – estudantes mesmo porque a gente era “fuleragem”, tudo pobreza, era ilegal. Mas eles foram simpáticos e deixaram eu ficar. A gente conversou e eu assisti à palestra toda. Até hoje não sei até que ponto esse contato, também por estar ilegal no país... Se foi o General ou se foi por eu ter ido ver a palestra do cara que a polícia acabou indo atrás de mim. Fui deportado e perdi meu tempo nos Estados Unidos. Foi uma coisa interessante quando eles me deportaram. Fui a julgamento e pra uma prisão, em Boston. Quase me cago de medo

“Estar na estrada era bom, estar longe dos pais era bom. Tinha uma desculpa de que tinha uma meta. Era mais uma desculpa para não fazer porra nenhuma. Era bom demais, era uma vida ótima.”

Hoje é casado com Nívea Lopes, veterinária e especialista em controle de qualidade. Sempre contribui com o trabalho de Silas, como, por exemplo, na escolha das fotos que entraram no ensaio do Mercado São Sebastião.

Silas ficou tão envolvido durante as duas horas de entrevista que não bebeu um gole sequer da água que a equipe de produção reservou para ele. Só ao final de tudo percebeu a presença da água e bebeu.

Logo no começo da entrevista o celular dele tocou. Meio sem jeito, pediu desculpas e disse: "Isso sempre acontece, já desliguei o celular em uma entrevista ao vivo na televisão!".

quando entrei lá dentro. Era uma prisão enorme e só tinha preto, uns bichão deste tamanho (*faz gesto com as mãos para mostrar o tamanho dos presos*). Mas não tive nenhum problema a não ser com um portoriquenho da minha cela que me acusou de ter roubado o relógio dele e a gente acabou saindo na porrada.

Anamélia – Você falou que foi deportado e nessa volta para o Brasil o sonho de fazer cinema persistiu. Você decidiu ir para Manaus em busca de trabalhar e comprar uma câmera. Como foi essa trajetória?

Silas – Naquela época, esse período de estrada era uma coisa fabulosa. Primeiro que maluco era tudo filho de classe média, não era coisa de pobre. No meu tempo era tudo de classe média. A elite sabe cuidar dos próprios filhos e dos filhos dos outros, ela não gosta é de gente pobre. A gente era bem aceito nas cidades, embora a gente fosse preso. A polícia nunca gostou de maluco. Todo canto onde a gente chegava era preso. Mas aqui em Fortaleza, quando eu vinha para a Beira-mar (*em 1973, Silas morou três meses no bairro Castelo Encantado, quando estava indo para Manaus. Para arranjar dinheiro, vendia o artesanato que produzia: brincos, colares, pulseiras e bolsas de couro*), as mães vinham com as filhas para conversar com a gente. Ficávamos doidos para namorar as meninas e não tinha o menor problema. Não éramos vistos como marginais. Se não fosse a polícia, a vida seria maravilhosa. Nesse processo, o que atrapalhou a viagem foi ser preso várias vezes.

Anamélia – E o que tanto vocês buscavam, era só a vontade de fazer cinema ou tinha alguma outra coisa que movia o grupo?

Silas – Olha, com vinte anos não dá para ter certeza de nada. Estar na estrada era bom, estar longe dos pais era bom. Tinha uma desculpa de que tinha uma meta. Era mais uma desculpa para não fazer porra nenhuma. Era bom demais, era uma vida ótima. A gente vivia na praia fazendo pulseirinha, olhando pras meninas, passeando, fumando maconha. Não



Paisagem da Janela, música citada por Lana durante a entrevista, é interpretada por Milton Nascimento. A canção marcou bastante a juventude de Silas. Quando a escutou em uma mesa de bar, emocionou-se, lembrando o passado.

precisava de dinheiro.

Anamélia – Você sente falta dessa época de maluco?

Silas – Não! (risos)

Anamélia – O que sobrou desse maluco viajante?

Silas – Muito aprendizado e ser menino pro resto da vida. Eu dei carona uma vez pra um cara, indo pra Recife. Ele olhou pra mim e disse: "Silas, você se aburguesou!" (*risos*), porque eu estava de carro e o cara estava na estrada há uns dez ou quinze anos sem parar. Estava na estrada, sem dente, todo fudido.

Evelyn – E o que te fez largar essa vida de carona (*de viagens*)?

Silas – Uma namorada (*Socorro Saldanha, psicóloga*) aqui no Ceará. Me apaixonei e fui morar com ela. É lógico que as mulheres não querem esse negócio de maluco fedorento sem tomar banho, querem coisa mais interessante e ela me colocou nos eixos. Por causa de uma namorada. Só isso!

Everton – Na pré-entrevista você falou que o primeiro contato com a fotografia foi uma câmera Yashica (*marca japonesa fundada em 1949*) de sua irmã mais velha, junto de um livro (*"Introdução à Antropologia Visual", de Vatimo Canevacci*) de Antropologia Visual com a frase: "Esta é a tua arma. Saiba usá-la". Em que você mirava?

Silas – Eu briguei com minha irmã, disse a ela que atrapalhou minha fotografia por vinte anos, por causa dessa frase horrorosa. Mas ela tinha uma idéia fundamental: trabalhar com a fotografia como instrumento político, de rupturas, de mudanças... Acho que a fotografia não é isso, nem consegue, nem deve conseguir. Eu fazia uma fotografia muito dolorida, de muita dor, de muita denúncia e acho que isso atrapalhou meu olho durante um tempo enorme. Porque eu olhava pra dor, olhava pra miséria, muito em cima da frase da minha irmã – pelo respeito que tinha a ela e ainda tenho até hoje.

Everton – E esse seu olhar mudou? Hoje o que você procura ver?

Silas – Não que eu tenha deixado de ver a dor ou a dureza das coisas, mas a minha fotografia não é mais uma fotografia que pretende mudar o mundo ou denunciar as mazelas do mundo, declarar guerra aos poderosos. Não é mais isso. É muito mais uma relação de uma poética, de uma política que eu tenho com o meu cotidiano e procuro expressar de alguma maneira. Só isso.

Lana – Como foi o salto de fotógrafo amador para fotógrafo profissional?

Silas – O bom de ser fotógrafo é que você pode ir direto e falar assim: "eu sou fotógrafo". Todo mundo acredita. O fotógrafo pode

não valer porra nenhuma, mas se falar "eu sou fotógrafo" todo mundo acredita. Agora falar "eu sou advogado, eu sou médico", é outra história. Agora fotógrafo todo mundo pode ser. E isso facilita a vida de alguma maneira, principalmente em uma época em que eu não tinha universidade. Tinha uma namorada que era psicóloga e fiquei meio... Homem tem essas besteiras, não pode ficar por baixo. Então ser meio artista, meio fotógrafo me dava um certo status de não ser tão vagabundo, deixar de ser maluco para ser um profissional. A fotografia me possibilitou trabalhar direto sem precisar fazer faculdade, sem precisar ter diploma.

Yuri – Como que se deu esse aprendizado? Quem foram seus professores de Fotografia?

Silas – Meu pai fazia fotografia desde que eu me entendo por gente. Mas eu nunca entrei num laboratório de fotografia com meu pai. Na época não tinha câmera automática, então tinha que medir a distância e muitas outras questões. Mas, na realidade, quando eu fui para os Estados Unidos já comecei a comprar livros de fotografia. Mas, aqui no Ceará, duas figuras foram fundamentais na minha vida: uma delas foi o José Albano (*Além de fotógrafo, é ambientalista e conhecido pelo modo de vida alternativo. Vive em Sabiaguaba, bairro do litoral fortalezense, em uma casa de taipa, sem muros, onde realiza uma reunião aberta em noite de lua cheia*) e a outra foi o Chico Albuquerque (*Viveu entre 1917 e 2000 e é um dos mais renomados fotógrafos cearenses. Fotografou os bastidores de "It's all true", de Orson Welles, em 1942. Fez a primeira fotografia publicitária brasileira, em 1948*), além de todos os amigos com os quais eu convivi na minha juventude de fotógrafo: o Gentil (*Gentil Barreira. Autodidata desde os 12 anos, abandonou os cursos de Arquitetura e Comunicação Social, e tornou-se fotógrafo profissional. É precursor da fotografia publicitária digital no Ceará*), Maurício (*Albano, irmão do José Albano. Entre outros, publicou "Visões", trabalho que dialoga com a obra de Rachel de Queiroz, escritora cearense*), o Nelson Bezerra. São pessoas que conheci na minha juventude. Mas o Zé (*Albano*) foi uma grande figura porque tinha vindo dos Estados Unidos, com mestrado em fotografia numa época que não tinha nem cursinho de... Sei lá! Já tinha a Casa Amarela (*Projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará, voltado para a formação audiovisual*), que foi um grande espaço na minha vida, com relação ao cinema e à fotografia. Tanto que o curso de fotografia eu fiz na Casa Amarela com o José Albano.

Talles – E como era o cenário da fotografia, nessa época, no Ceará?

Silas – O Ceará é um berço de grandes fotógrafos. Na época, os grandes fotógrafos eram o Maurício Albano, o Nelson Bezerra e o Capibaribe (*Capibaribe Neto, que atualmente é diretor industrial do Diário do Nordeste*). Eram fotógrafos mais conhecidos pelo mercado. Faziam pôsteres, faziam publicidade. Eram fotógrafos com mais status de fotógrafo. O Zé Albano chega nesse mercado vindo dos Estados Unidos com um mestrado, com uma consistência acadêmica maior e uma técnica mais apurada, e vai trabalhar com publicidade, ensinando a gente como usar uma luz mais adequada, por exemplo. Nisso o Zé foi fundamental na minha vida. E o Chico (*Albuquerque*) vem anos depois com uma técnica apuradíssima em publicidade e fotografia e passa pra gente também todo o conhecimento que ele tinha. Ele era uma figura maravilhosa, de um conhecimento enorme, tremendamente aberto. Que ajudou muito a fotografia no Ceará. Essas duas pessoas foram fundamentais pra mim: o Zé Albano e o Chico Albuquerque.

Iana – Você ganhou alguns prêmios em sua carreira. Os mais significativos foram da Nikon (*Nikon International Photocontext, em 1984. A foto ganhadora retratava um fotógrafo de lambe-lambe, em Alagoas*) e da Leica (*Concurso Cultural Fotográfico Leica-Fotografe, promovido pela revista Fotografe Melhor e representantes da marca alemã de equipamentos fotográficos, Leica, no Brasil*). Mas logo depois de uma exposição em São Paulo, Paisagens do Sertão, você rompe com a fotografia documental e passa alguns anos sem fotografar, como foi esse período?

Silas – É uma coisa doida porque foi no período que comecei a dar aula de fotografia que parei de produzir imagem. Uma contradição enorme. Eu saio da agência, entro na Universidade, paro de fotografar, faço a exposição em São Paulo e ganho prêmio. Tudo no mesmo ano, em 1984. E resolvo que não vou mais fotografar "porque não



A parte que Iana queria ter cantado era uma estrofe que diz "Cavaleiro marginal banhado em ribeirão/ Cavaleiro negro que viveu mistérios/ Cavaleiro e Senhor de Casa e Árvores/ Sem querer descanso nem dominical".

Além de deportado dos Estados Unidos, Silas foi preso três vezes, por "vadiagem", nas viagens pelas estradas do Brasil. A pior prisão foi em Belém do Pará.

Um fato curioso e contrastante é que o pai, Ecir Silas de Paula, era delegado de polícia na cidade de Castelo, no Espírito Santo. Nunca pediu que o livrasse de nenhuma prisão.

gosto da minha fotografia, não gosto de documental... Aquele documental não tem nada a haver com a fotografia que gostaria de fazer". Abandonei a fotografia para voltar a fazer um trabalho mais consistente com os meus alunos, quando ganhei o prêmio Leica, e isso tem dois anos.

Anamélia – Sobre o prêmio Leica (em 2008, Silas conquistou o prêmio na categoria *Ensaio Fotográfico, com o ensaio intitulado "Porque hoje é sábado no Mercado", composto por 10 fotos, e mais uma menção honrosa na categoria Preto e Branco*)... Por que fotografar o Mercado São Sebastião? O que foi que você viu que os outros (fotógrafos) não tinham visto antes?

Silas – Na realidade, (fotografar) o Mercado São Sebastião (mercado tradicional localizado no Centro de Fortaleza onde funciona a venda diária de diversos produtos, principalmente alimentícios) foi um exercício que eu fazia com os alunos, no final de semana. Começamos a discutir que tinha de fazer um ensaio e ninguém fazia do jeito que eu gostava, e alguém falou pra mim: "Então faz pra gente ver!". Eu tive dificuldade de fazer o ensaio – dá um trabalho danado! Não é fácil fazer essa roteirização, entendeu? Na realidade, você sempre faz buscando algo. Quando olhei, eu vi a foto. Tem essa história que bate, às vezes. Quando você olha e fala: "Tá ali a minha foto! Pô! Tá ali a minha foto!". Foi a partir dela que fiz todas as outras. Foi uma foto de cima, com a mesma lente, com a mesma distância. Mas entra uma coisa que bateu pra mim de pegar uma luz meio renascentista com um ângulo do Rodchenko (*Alexander Rodchenko é um dos máximos expoentes da fotografia de vanguarda soviética dos anos 1930. Nasceu em São Petersburgo, em 1891*). Com um corte de um não sei o quê. Todas as cores, de alguma maneira, passam pela tua cabe-

"Eu sou muito visceral com as coisas que eu faço. Eu não consigo ser muito educado, eu não consigo ser muito gentil, eu não consigo ser muito zangado."

Jogar Playstation, Nintendo Wi e outros jogos eletrônicos é uma das atividades de lazer de Silas. O filho Tiago, estudante de Mecatrônica, é o principal parceiro e adversário.

ça quando você olha. E eu faço muito pouco cor. Não sou bom de cor. Prefiro preto e branco. E fiz um trabalho todo colorido. Quando terminou, achei que tinha ficado legal. Tinha anos, muitos anos, que eu não fazia um trabalho que achasse que tivesse alguma consistência. E mandei pro (concurso) Leica, achando que tinha uma consistência e fiquei mais maravilhado ainda... E ele (o ensaio) tira o único prêmio até hoje... Começou dando uma Leica (*Câmera fotográfica digital M8 com uma lente Leica 50mm Summarit f/2.5*), que era uma Leica (ênfatisa), né? Que é uma maravilha! Uma câmera Rolls Royce (*referência à empresa inglesa de automóveis, fundada em 1906, conhecida pela fabricação de carros luxuosos*) e era a primeira vez que eles davam uma Leica e eu ganhei. Ficou todo mundo morrendo de inveja. Até os fotógrafos que estavam lá (risos). Eu morri de rir, porque é cheio de fotógrafo danado. A Leica é um símbolo da fotografia mundial. Todo fotógrafo é doido pra ter uma Leica, nem que seja pra carregar aqui do lado.

Anamélia – Mas, no período em que deixou de fotografar, o que foi que te fez achar que a tua fotografia não estava boa?

Silas – Os fotógrafos normalmente são muito conservadores com a imagem. Quem faz os fotógrafos avançarem, hoje acredito nisso, são os artistas. Quem fez a fotografia avançar não foram os fotógrafos. Foram os artistas. Eles alfinetaram os fotógrafos, de tal maneira, que essa fotografia acabou avançando. Por mais que eu admire os grandes mestres do documental (*preocupados em retratar a "realidade" fidedignamente e documentar momentos históricos. Henri Cartier-Bresson, Robert Capa e Robert Doisneau são alguns fotógrafos clássicos, entre outros. No Brasil, Sebastião Salgado consagrou-se nesse gênero*), o documental daquele tipo, na realidade, pertence a um tipo de olhar moderno. A um tipo de olhar que não se encaixa muito nas questões contemporâneas. É lógico que hoje eu posso fazer esse discurso, né? Em função de algo que passou. Mas, naquele momento, me angustiava muito esse documental que... Pra mim, tinha sempre um olhar do passado. Ele me dava uma sensação de *déjà vu* (*expressão francesa que quer dizer "já visto", usada para definir a sensação de já ter presenciado ou visto aquela mesma situação antes do presente momento*). O diálogo já tinha sido feito várias vezes e aquilo me angustiava muito. Eu não gostava dessas fotos. Apesar de hoje eu gostar delas.

Anamélia – O que te fez voltar?

Silas – Não que eu queira (re) fazer essas

fotos que tinha feito. Gosto delas como fotos. Não todas, mas tem uma série de fotos que eu, na época, teria jogado fora e hoje gosto como sendo daquela época. O documental pra mim hoje é um outro tipo de foto. Não é... O documental mais clássico, dessa foto isolada. Do que alguns autores chamam de foto-ação (*Fotografia em que o "momento decisivo", expressão popularizada a partir de Henri Cartier-Bresson, é dos principais aspectos de uma imagem. O mérito do fotógrafo consistia em capturar o instante, o movimento exato*). Foto que tem algo ligado a esse olhar moderno das coisas acontecendo. O documental pra mim hoje – é uma coisa que eu estou discutindo, inclusive, (com) o meu grupo, com os alunos – é muito mais ligado ao tipo de documental imaginário (*documental baseado na visão e interpretação do fotógrafo sobre o que ele retrata*). Uma fotografia que expressa a tua visão sobre o mundo. Que você roteiriza esse processo, você intervém de alguma maneira nesse discurso. Não procurando a verdade absoluta ou algo que está ali, que você retira do mundo, mas é uma construção que você faz em cima do mundo que você vive, desse cotidiano. Que é completamente diferente! É um outro tipo de foto... Que é um documental! Eu me reconcilio com o documental, mas não volto ao documental tradicional de forma nenhuma. O que eu procuro hoje é um documental bem mais contemporâneo. Um documental como expressão. Como um olhar de cada um sobre a vida, sobre o cotidiano.

Maira – Você ligaria essa frustração que teve com a fotografia, na época do documental, com uma busca frustrada por uma originalidade, por uma mudança?

Silas – Total! A singularidade, a originalidade, naquela época, era algo que eu só conseguia ver em alguns fotógrafos. Pra mim, na época, tinha o Cássio Vasconcellos (*fotógrafo paulistano nascido em 1965. Iniciou sua trajetória na fotografia em 1981, na*

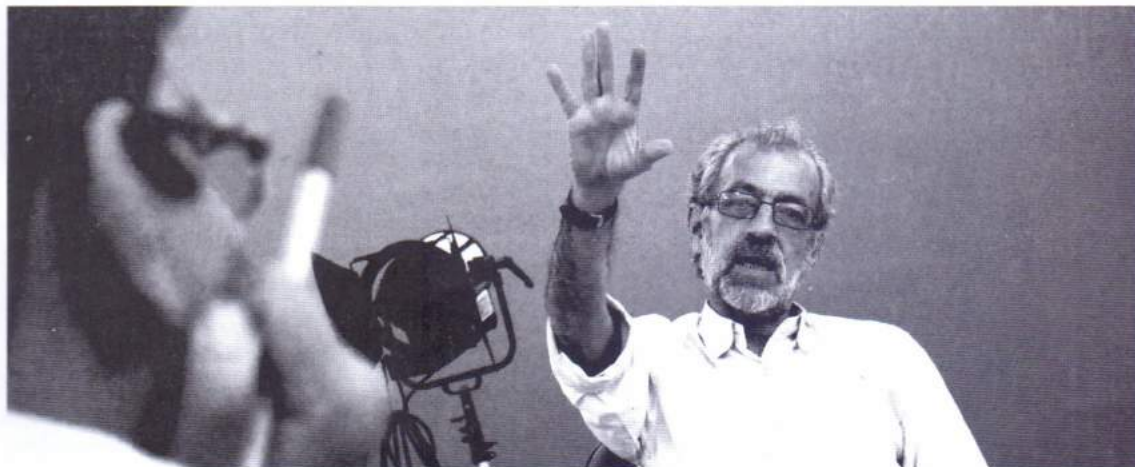
escola Imagem-Ação. Durante sua carreira, o trabalho pessoal, sempre voltado a projetos artísticos, percorreu muitas galerias e museus, no Brasil e no mundo), que é bom fotógrafo até hoje. Um menino de 19 anos. Quando eu vi as fotos dele... Eu falei: "Porra! Não vou fotografar mais não! Um moleque desses fazer umas fotos dessas. O que é que eu tô fazendo com a câmera?". Tem essas figuras que são danadas, que já trazem essa força muito grande. Então essa história também de eu olhar as minhas fotos, comparar com outras fotos, e eu me achar fraco, me fez... Parar de fotografar.

Anamélia – Silas, você tem uma filha fotógrafa, a Lia (*Lia de Paula, nascida em 1979, fruto do relacionamento com a jornalista Lígia Girão, na época sua colega de faculdade*). Você disse, na pré-entrevista, que tinha começado a conversar com ela sobre fotografia há pouquíssimo tempo. Seria esse medo também de suas fotos parecerem não tão boas quanto as dela, ou seria...

Silas – Não! Isso é coisa de pai. Eu disse pra ela que em vez de Fotografia ela devia fazer Engenharia, Medicina, qualquer coisa. Não. É uma coisa que meus pais diziam: "Mais um pobre na família é de lascar! Vai fazer alguma coisa que te dê um tantinho de dinheiro, porra!" Meio de sacanagem, mas, você fica meio preocupado com... Pega aí filho de sociólogo que vai ser sociólogo, os pais ficam preocupados, sabe? Filho de médico que o filho vai ser médico, os pais não ficam preocupados.

Iana – Eles ficam orgulhosos.

Silas – Eles ficam orgulhosos. Apesar de que eu tenho o maior orgulho da minha filha. Não é essa a questão. Mas, você já pré-visualiza alguma dificuldade na vida, né? É lógico que eu fico preocupado com os meus filhos, eu quero que eles ganhem um dinheirinho. Esse negócio de ser pobre é uma merda! Ter um emprego mais normal, mais consistente, sabe? Fala: "– Porra! Já que ele vai ser jornalista, fotógrafo, cineasta,



Um fato bastante polêmico marcou a vida de Silas como professor. Em 2005, deu um "cotoco" para um aluno do Diretório Acadêmico em uma discussão na faculdade. Até hoje é lembrado, nos corredores do Curso, por isso.

Henri Cartier-Bresson, fotógrafo francês que já virou clássico, fotografava com uma Leica e uma lente 50mm fixa, equipamento semelhante ao que Silas ganhou no Concurso Leica-Fotografe Melhor.

As principais peças do vestuário de Silas são camisas de manga comprida, dobradas na altura dos cotovelos. Não usa camisa de botão de mangas curtas, apenas camisetas, quando sai para fotografar.

sociólogo. Não tem outra coisa pra fazer na vida não? Vai fazer... Sei lá! Robótica”.

Iana – E você tem uma sensação de déjà vu quando olha pra ela?

Silas – Tenho! Acho que ela está fazendo uma porção de besteira que eu fiz. Mas... Eu não posso fazer nada. Poderia ser mais... Não dá pra interferir nessa história... É um aprendizado! Quer dizer... Eu tenho a sensação de que ela tá fazendo as mesmas cagadas que eu fiz, puta que pariu! Parece que eu estou ficando velho e careta, né? Porque, se alguém me dissesse isso quando eu tinha vinte anos, eu ia ficar puto... Mas ela está muito bem. Eu adoro fotógrafo!

Roger – Eu queria saber onde é que fica o sonho de cinema. Teve alguma oportunidade de trabalhar como diretor de fotografia depois desse tempo todo?

Silas – Eu trabalhei com o Rosemberg (*Rosemberg Cariry, poeta e cineasta cearense nascido em Farias Brito, 1956*). Eu fiz Caldeirão (*“O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto”, documentário de longa-metragem, de 1986, que marca a estréia de Rosemberg Cariry no cinema cearense e retrata um dos movimentos messiânicos que surgiu no Crato, Ceará*), como assistente de câmera do Ronaldo (*Ronaldo Nunes, cineasta e diretor da Casa de Cinema Carioca que há mais de 45 anos trabalha na área de audiovisual, participando da equipe técnica de 48 longas-metragens*). Mas era muito difícil. A gente trabalhava com uma câmera 16 milímetros, película – a bicha era pesada pra diabo –, faltava grana. Quer dizer, isso na década de 1970, no Ceará, fazer cinema era complicado pra diabo! E algumas pessoas persistiram, né? Você vê aí. Você tem grandes filmes no Ceará. Hoje a juventude que faz cinema é muito legal. Mas eu entrei pra Publicidade e acabei me afastando totalmente do cinema. Virei fotógrafo. Hoje eu sou fotógrafo. O cinema pra mim... Eu nem faço mais pesquisa sobre cinema, que é uma coisa que eu gosto

“Eu não vou ficar desesperado. Porque o que quero é uma rota, então, não tem chegada. Um processo. Não vou chegar nunca.”

No dia da entrevista, Silas usava uma camisa lilás, devidamente dobrada como manda seu figurino. Vaidoso, cortou o cabelo e fez a barba na véspera.

muito. A minha pesquisa hoje é só sobre fotografia. Imagem e fotografia. Me afastei do cinema.

Roger – Onde é que entra o interesse pela Universidade, pelo curso de Jornalismo?

Silas – Nunca tive a menor vontade de ser professor. Nunca entrou na minha cabeça essa história. Eu queria ser fotógrafo, queria fazer cinema e, na realidade, foi aquele desespero que você tem na vida de vez em quando... Eu tinha uma produtora, a Entrelinhas Produções Gráficas, toda montada e estava bem, trabalhando legal: fazia publicidade, vídeo, fotografia, fazia uma série de coisas. Éramos eu e o Chico Gualbernei (*Publicitário, empresário e presidente da Associação Brasileira das Agências de Publicidade*), que hoje é sócio da Verve (*Agência de Comunicação que dirige junto com o publicitário Fernando Costa*), umas das grandes agências do Ceará. Eu fiquei desesperado, estava de saco cheio de publicidade, não aguentava mais aquele trabalho. Apareceu o concurso pra ser professor da UFC (*Universidade Federal do Ceará*), do Curso de Jornalismo, pra auxiliar de ensino. Não precisava de mestrado nem de doutorado, não precisava ter nada.

Iana – Quando o maluco vira professor?

Silas – Eu dei uma guinada burguesa, como diz um amigo. Foi essa relação com a publicidade que encheu o saco. Porque publicidade ou você gosta muito ou você pira. É um trabalho que te exige muito e é loucura, eu não aguentei. Depois de muitos anos trabalhando em publicidade, que era uma coisa que eu gostava, perdi o ritmo e não queria passar mais nem perto de uma agência e surgiu o concurso pra professor. Por sorte eu era o único candidato, porque, em Fortaleza, não tinha fotógrafo com curso superior. Tinha fotógrafo melhor do que eu aqui em Fortaleza, mas não tinha diploma. Quando eu entrei, resolvi que tinha de ser doutor. Eu sou meio perfeccionista com algumas coisas. Não interessa o que você faça: tem de correr atrás. “Pra ser professor, eu tenho que ter doutorado” (*Concluiu o doutorado em 1995, na Universidade de Loughborough, Inglaterra. Estudou a produção audiovisual dos índios Ticuna, etnia que vive no Amazonas, ao longo do Rio Solimões*).

Anamélia – Por que você disse ter se realizado mais como professor (*Em 1985, Silas se torna professor efetivo do curso de Comunicação Social da UFC, cargo que ocupa até hoje*) do que como fotógrafo?

Silas – Uma das coisas que você tem na universidade é essa convivência diária. Essa loucura que é a universidade, por exemplo,

de alguém com 60 anos conviver diariamente com pessoas de 20. Isso só acontece na universidade. Em nenhum outro lugar do mundo vocês estariam conversando comigo, nem numa mesa de bar – quer dizer, os meus alunos conversam comigo numa mesa de bar, porque a gente está sempre junto e, se eles não conversarem comigo, reprovo todo mundo (*risos*). Mas não é normal, vamos dizer assim, um grupo de pessoas com 60 anos convivendo com pessoas de 20. Porque são gerações muito, muito díspares, não é? Essa possibilidade de conviver com esse tipo de gente que me obriga a pensar... Dar aula te exige estudar bastante, aprofundar as questões. A relação do conhecimento com a pesquisa é muito interessante... É uma vida muito boa, gente. Nós somos pagos pra estudar, pensar, produzir. Muito melhor do que fazer publicidade ou fazer texto pra jornal, ou fazer um filme. Por mais sérias que sejam essas questões. Ser professor pra mim, hoje, é a melhor profissão do mundo! Nada se compara com ser professor.

Evelyn – Nos depoimentos que a equipe de produção coletou, seus alunos sempre falavam de uma relação como se fosse de pai e filho. Eu queria que você falasse o que representam os seus alunos na sua vida pessoal e profissional.

Silas – Eu sou muito visceral com as coisas que faço. Não consigo ser muito educado, não consigo ser muito gentil, não consigo ser muito zangado, não consigo fazer as coisas de uma forma... Na realidade, alguém já me disse que eu não tinha postura acadêmica nenhuma, que eu deveria ter mais postura acadêmica... Não sei direito o que é postura acadêmica, não. Eu acho que tenho. Essa convivência com os alunos e os professores, faz com que a gente tente ser uma pessoa um pouco melhor... Aquela coisa da crença. Vamos dizer que tenho uma crença hoje que é ser professor universitário – e essa coisa me dá uma perspectiva. É lógico que essa minha relação com os meus alunos, que são muito jovens, fica uma relação meio de pai e filho. Têm momentos que as pessoas (*os alunos*) vêm conversar comigo e estão mal, não estão legal. Ou eu vou conversar com elas, às vezes, e estou mal. E tem um momento em que estou muito zangado, que brigo, que eu... Sei lá! “Porra!”, Xingo! As coisas saem. Dou cotoco (*referência ao episódio em que ele “mostrou o dedo”, um gesto “obsceno”, a um aluno do Diretório Acadêmico durante uma discussão*) (*Risos*). Chegou a esse ponto! Mas sou muito visceral com essas coisas. Porque como eu preparo aula – e eu preparo aula – procuro

preparar com consistência. Todo semestre aprofundo mais as questões. E quando chego na sala de aula – seja no mestrado ou na graduação – que ninguém fez porra nenhuma, fico puto da vida. Não estou ali pra ensinar, entendeu?

Essa é a grande questão. Esse compartilhamento, esse processo de embate entre professor e aluno é fundamental. O aluno ficar lá esperando pra eu passar a minha grande sapiência pra ele? Um dos dois é débil mental. Não dá pra ter essa relação de que um é sábio e o outro é uma esponja que vai recolher todas essas questões. Eu acho que o processo é outro. É lógico que tenho mais experiência profissional. Provavelmente já vi mais que vocês, mas isso não me leva, necessariamente, a indicar os caminhos. A indicar o caminho certo. Mas, possíveis caminhos. A discussão que a gente possa ter e procurar caminhos e aprender junto, de alguma maneira. É muito mais um compartilhamento de processos do que uma relação em si de aprendizado. Acho isso muito antigo. Sou meio ligado a essa minha última paixão, que é o Rancière (*Jacques Rancière, filósofo francês e professor emérito da Universidade de Paris*), que se chama de Mestre Ignorante (*no livro homônimo, Rancière narra a aventura intelectual vivida por Joseph Jacotot, um pensador ativo na época da Revolução Francesa. Exilado nos Países Baixos, ele se aventura como professor, acreditando na capacidade de auxílio no desenvolvimento de uma nova ordem social por parte da instituição pedagógica*). O Mestre Ignorante ensina, aponta caminhos e cobra caminhos pra ver se... Eu aprendo com os alunos!

Iana – Conversando com o Victor (*Victor Furtado, estudante da Escola de Audiovisual da Vila das Artes, amigo e namorado de Lia de Paula*), ele disse que “o Silas seduz homens, mulheres, velhinhos e crianças”. O ser professor está, também, dentro de um jogo de vaidade?

Silas – Lógico que está! Lógico que está! Eu adoro palco. Sala de aula pra mim é um palco. E tenho que ter cuidado com isso



Depois da pré-entrevista, Silas decidiu passar a “A Mulher das Dunas” para seus alunos. A última vez que assistiu ao filme foi quando tinha dezesseis anos, no Museu da Imagem e do Som.

Silas tem duas páginas na Web onde é possível ver seu trabalho: www.flickr.com/silasdepaula e www.flickr.com/36216616@N05. Também integra redes sociais como o Facebook e o Twitter, que mantêm atualizados.

Ainda tem planos de viajar, mas não com fins acadêmicos. Acha que essa é a coisa boa de ser fotógrafo, de ser professor: "Você não fica velho nunca".

pra não virar ator principal. Porque tenho tendência em virar ator principal. E gosto. Como fazer isso com essa relação com o palco? Acho que ser professor é isso. É também seduzir. Essa relação humana que é a sedução. Que é maravilhosa! Nesse sentido, é fundamental. Seja com homem, com mulher, com criança.

Anamélia – Silas, pra você, ser professor é um talento, uma paixão ou uma vantagem, por ter essa troca? De você poder aprender, tirar proveito...

Silas – ...Olha, quando entrei aqui pra dar aula, encostava a bunda na mesa, fumava – naquela época podia fumar em sala de aula – um cigarro atrás do outro. Minhas pernas ficavam tremendo porque eu não sabia como dar aula (*a primeira disciplina ministrada por Silas foi "Estética e Comunicação de Massa"*). Não sei se é questão de talento, não. Não acredito nessa coisa divina, não. Você tem de aprender a trabalhar e melhorar. A paixão é fundamental... Mas paixão é por qualquer coisa que você faz. E eu acho que os professores que estão meio cansados de dar aula, de pesquisar ou de fazer qualquer coisa, deviam se aposentar ou fazer outra coisa na vida. É lógico que tem momentos que eu estou de saco cheio de todo mundo, sabe? Não quero ver aluno. Você tem isso com várias coisas na vida, mas... Paixão é fundamental!

Anamélia – Você tira alguma vantagem de ser professor?

Silas – A melhor coisa que eu ouvi hoje foi que... Estava entrando no elevador, entrou uma senhora – com características de ser uma empregada doméstica, alguma coisa desse tipo. Com "cara de pobre" – olhou pra mim e falou assim: "O senhor é professor, não é?" Eu falei: "Sou. Como é que você sabe?". "O senhor tem cara de professor. Quem já foi aluna sabe disso, viu?". Achei essa coisa ótima, porque eu

disse "Ih, será que eu consegui?" (*Risos*). Até o biotipo (aparência), a cara! Ficar com cara de professor. Eu achei ótima essa história. "O senhor tem cara de professor". E ela nunca me viu.

Anamélia – O que você acha de ter passado de um biotipo de "maluco" pra ter hoje cara de professor?

Silas – É uma mudança muito grande, não é? É. Sei não (*risos*). É. Juro que não sei... Porque é uma mudança muito grande, não é? De doido pra ter cara de professor... Olha, sinceramente, eu acho que o que mudou foi a idade e os cabelos. (*Risos*.) Porque os cabelos caem, não tem jeito.

Roger – Silas, você se considerou um "maluco" e falou de muitos personagens que passaram ao seu redor. Mas o seu nível de "maluquice", onde é que você acha que...

Silas – Ah, não! Eu fiz terapia – quem tem 60 anos já fez uma porção de coisa na vida, inclusive terapia – e uma das coisas que o meu terapeuta me dizia era que ele ficava impressionado como eu tinha sobrevivido a essas loucuras todas. Uma delas foi nunca ser louco o suficiente pra morrer. Eu tinha medo de algumas coisas. Nunca tomei droga muito pesada. Nunca me "piquei" (*usar drogas injetáveis*), que era uma coisa mais ou menos comum... Quer dizer, é comum até hoje. Nunca fiz isso, nunca tive coragem. Talvez por isso tenha escapado de uma overdose ou... Os meus amigos morreram, né? (*Refere-se aos três amigos que queria fazer cinema: Tatai, Henrique e Tião*) E isso... Eu tenho muito medo! Droga é uma coisa que me assusta muito hoje. Talvez eu tenha ficado muito careta em função dessa história.

Iana – Mas você levou um susto com aquele problema renal (*Em 2009, Silas foi internado duas vezes, com o diagnóstico de cálculos renais*). Mudou alguma coisa?

Silas – Ah, Não! Não. Não foi droga. Quer dizer, cigarro é uma droga, mas...

Iana – ...Não. Eu não estou falando de droga, droga, mas de uma vida, digamos, de abusos.

Silas – Ah... Não dá. Eu continuo tomando minha cachaça, fumando meu cigarro e... Tirei as pedras dos rins e estou novo de novo. (*risos*) Porque, na realidade, imagino o seguinte: eu era menino e trabalhava num escritório com um cara, logo que cheguei no Rio (*em Niterói*). E eu olhava pra ele. O cara devia ter uns 60 anos – eu achava ele velho pra cacete. Hoje vejo que eu era meio exagerado – mas ele tinha cara de 40. Ficava muito impressionado como ele era jovem na aparência. E ele disse que nunca tinha bebido, nunca tinha fumado e eu falei:

"Agora eu juro que queria ser fotógrafo, que eu nunca fui. (...) A fotografia, pra mim, hoje, não é só o produto, mas toda a discussão, toda a reflexão"

Enquanto a equipe de produção finalizava a edição da entrevista, na cantina do Centro de Humanidades da UFC, Silas tomava um café. Estavam, literalmente, escrevendo pelas costas do entrevistado.

“Tu tá doido! Pra não fazer nada você já tá morto. Então é melhor morrer antes do que ser morto a vida inteira. Já que você não fez nada, o que você vai fazer da vida, só pra ter uma aparência de jovem?”. Eu não estou propondo que as pessoas caiam na orgia e na coisa (*drogas*) direto não, mas não dá pra essa loucura do corpo que se tem hoje: todo mundo é vegetariano, todo mundo tem de fazer exercício, tem de fazer não sei o quê. Ah, pelo amor de Deus! Eu até faço exercício: comprei um joguinho de computador e faço exercício em casa. É muito melhor que correr pelo meio da rua só. Ficar andando sozinho em volta do quarteirão. Quer coisa mais idiota do que isso gente? (*risos*). Você ficar andando sozinho em volta do quarteirão? Numa cidade cheia de carro, uma poluição desgraçada. Se eu morasse no campo, olhando pras montanhas, pras árvores, pro céu. “Eu tô ficando doido?” Então, eu prefiro ainda... Minha terapia é uma cachacinha num bar e conversar com o povo, falar besteira.

Maíra – O Silas professor, com cara de professor, ainda conserva algumas das paixões do Silas “maluco”? A paixão pela viagem, essa sensação de liberdade?

Silas – Ah, sim. Bem menos, né? Eu vou dizer uma coisa, 60 anos – eu também não me sinto tão velho assim – é um tempinho. É três vezes a vida de vocês. Dá pra imaginar mais ou menos o que é. Eu quero continuar viajando. Viajar é bom demais!

Iana – Você falou que tem três vezes a idade da gente. Como é que você olha pra essa juventude?

Silas – Na realidade, a relação que tenho com vocês (*joventes*) é uma relação meio estranha. Porque sou capaz de brigar ou de admirar como se não houvesse diferença. Talvez isso seja um pouco de erro como professor. Pelo menos com o grupo (*alunos que se tornaram mais próximos depois da convivência no Grupo de Estudo da Imagem Técnica - GEIT*). Com a sala de aula não, porque a sala de aula você sempre se mantém, de alguma maneira, com uma certa distância. Mas como eu tenho o grupo com o qual eu trabalho... Me relaciono com ele como se eu tivesse 20 anos ou eles tivessem 60. Porque... Vou ficar com raiva, vou ficar puto, vou brigar, falar mal, vou sair por trás, meio fofuquinha. Nesse sentido, não há muita diferença de idade. É lógico que sempre se mantém (*a diferença*). Eu sou professor. Sou mais velho. Há uma certa hierarquia que não desaparece nunca. Mas a gente se mistura. Tem umas horas (que há uma)... Mistura bem grande. Que dá até raiva!

Iana – Essa proximidade entre os



seus alunos seria uma interseção entre o professor e o fotógrafo?

Silas – Acho que sim. Acho que sim. Porque, como a gente está discutindo uma relação de criação, de processo de trabalho... Eu não tenho esse processo pronto. Ele tem de ser desenvolvido. Tem de ser compartilhado. Ele só sai se a gente trabalhar junto. Ele é fruto de um projeto coletivo. Talvez por isso a gente se aproxime mais do que numa relação entre um professor e um orientador numa dissertação de mestrado ou de doutorado, entendeu? Que é legal, você ter seu orientando defendendo uma dissertação ou defendendo uma tese a qual você ajudou a construir de alguma maneira. Mas é algo mais acadêmico. Esse não. É algo mais estranho, mais maluco, mais... Não tem tanta consistência – e não precisa ter. Tem momentos que as coisas andam, tem momentos que elas param e não funcionam. Começa tudo de novo. A dissertação, a tese, a orientação de monografia têm de ter começo, meio e fim. E é o projeto acadêmico. Esse outro grupo não. O que tiver é lucro. Talvez seja muito dessa relação entre o professor e o fotógrafo...

Fernanda – Você falou muito dessa juventude maluca e como você foi até os Estados Unidos perseguindo um sonho. Quando você olha pros seus alunos, e vendo que seus filhos passaram por uma juventude bem diferente, você acha que eles estão mais cômodos, mais acomodados?

Silas – Não, acho que não. As coisas só são diferentes. Tenho alunos que estão fazendo essa mesma coisa de alguma maneira. Saem daqui e vão pra outro país, outro estado. Uma coisa que eu digo, talvez os pais não gostem, é: “– Você é doido de não ir? Uma possibilidade de ir, por causa de uma bosta de um curso desse? Você vai ficar aqui e não vai fazer essa viagem com a idade que você tem? Tem de ir. Volte depois e continue”. Lógico que se os pais me ouvissem falar isso pro aluno eles poderiam me processar. O professor deveria fazer com que eles terminassem o curso, não é? Mas acho que... Tem uma história que é o

No dia 02 de novembro de 2009, viajou para fotografar a Romaria de Finados, em Juazeiro. Junto com o fotógrafo Tiago Santana, planeja organizar um grande livro sobre a região com imagens de diversos fotógrafos, e lançá-lo em 2011, quando será comemorado o centenário de Padre Cícero.

Outro projeto, já em fase de conclusão, é o lançamento de um livro sobre álbum de família, resultado de uma grande pesquisa.

Até o fim da edição da Revista, muita coisa aconteceu: Silas ganhou o Prêmio Marc Ferrez, concedido pela Funarte, e irá fotografar personagens do Maracatu cearense.

seguinte: sempre digo que na juventude – você ou nós todos – achamos que o mundo nos deve. Achamos que o fato de ter 20 anos e estar no mundo, o mundo nos deve. E nós não devemos nada ao mundo. A não ser a nossa genialidade, sabedoria e coragem e qualquer coisa desse tipo. Essa é uma idade ótima. E não mudou. Isso, eu acho que em todas as gerações, as pessoas são muito semelhantes nesse sentido. Só foi um processo, pra mim, diferente. A relação com o consumo, a relação com o corpo, a relação com a mercadoria... Algo que a gente tenha perdido com uma utopia que existia em outras gerações... talvez tenha modificado um pouco essa história. Ou talvez aumentado a depressão na juventude atual. Que pra mim, não tenho nem estatística, a geração de vocês é bem mais deprimida do que a minha. (risos).

Evelyn – Voltando a sua relação com os alunos, você disse que aprende muito com eles. O que você considera como o seu maior aprendizado?

Silas – Diminuir a minha vontade de esganar todos eles. (Risos) Isso foi uma coisa que eu aprendi. O respeito com os alunos é... Tem momentos que você quer enforçar os bichinhos, igual os teus filhos. Dá vontade de você jogar pela janela. você aprende, nesse processo, que... “Por que é que você tem razão?”. Não, não acho que sou tão bonzinho assim não. (risos) No frigar dos ovos, quase sempre tenho razão (risos). Mas é uma tentativa, né? De aprender a não ter razão. Isso é uma coisa boa, é um grande aprendizado. De alguma maneira eu aprendo, porque, dentro de sala de aula, boa parte dos alunos me respeita. Ou pelos cabelos brancos ou por eu ser o professor. O meu grupo mais próximo não me respeita muito não, nesse sentido. Eles discutem, me enfrentam. Tem um embate.

Anamélia – Você gosta de ser enfrentado?

Silas – Pra ter qualquer projeto, qualquer processo, só no conflito. Não no conflito do desrespeito, de qualquer coisa nesse sentido, mas a própria base da universidade é o conflito. O conflito na relação do embate de idéias. Discordância, de avanço desse processo. Então, se tem alguém que concorde com tudo que eu digo... Tem alguma coisa errada.

Roger – E a sua experiência como gestor na coordenação do curso (*Curso de Comunicação Social da UFC*), no Dragão do Mar (*Entre 1999 e 2003, Silas foi diretor do extinto Instituto Dragão do Mar, escola profissionalizante voltada para a capacitação técnico-artística no campo da expressão audiovisual*). Também agora no

IFoto (*Instituto da Fotografia. Associação que reúne fotógrafos cearenses e organiza o deVERcidade, principal evento da categoria no estado, do qual Silas é curador*). Como é que têm sido essas experiências? Você se arrependeu?

Silas – Péssimas! Todas! Eu me arrependi profundamente. Você aprende: “Eu nunca mais quero ter cargo de gestor na minha vida”. Você é de uma impotência diante dos processos, que você acaba ou estourando com todo mundo porque você não tem controle... A coisa é muito maior do que você. Sempre. Ou você se adéqua a todas as questões, ou você pira. É muito difícil. Veja bem, mesmo chefe de departamento ou coordenação (*Silas já foi coordenador do Curso de Comunicação Social, de 1987 a 1989, e chefe de departamento em 1998-99 e 2003-05*) que, comparado a diretor do Instituto (*Dragão do Mar*), são coisas menos trabalhosas. Mas ser coordenador tem uma série de problemas, porque você não consegue resolver determinados aspectos burocráticos da universidade. Você fica muito zangado e acaba sobrando pra você. Ser chefe de departamento é a mesma coisa. E ser diretor do Dragão, como eu fui, você fica preso a determinados aspectos políticos do governo. Políticos, eu digo políticos partidários. Uma série de questões que você não consegue resolver. Não que não tenha sido bom para a minha experiência, pra minha vida... Eu gostei de ser diretor também. Tem aquela coisa do cargo, não é? Mas não quero mais não. Nem cargo nenhum. Vou ser o próximo coordenador do mestrado (*em Comunicação, na UFC*), mas isso porque a gente tem um acordo de professores de fazer rodízio.

Anamélia – Mas você considera que essas experiências foram fracassadas?

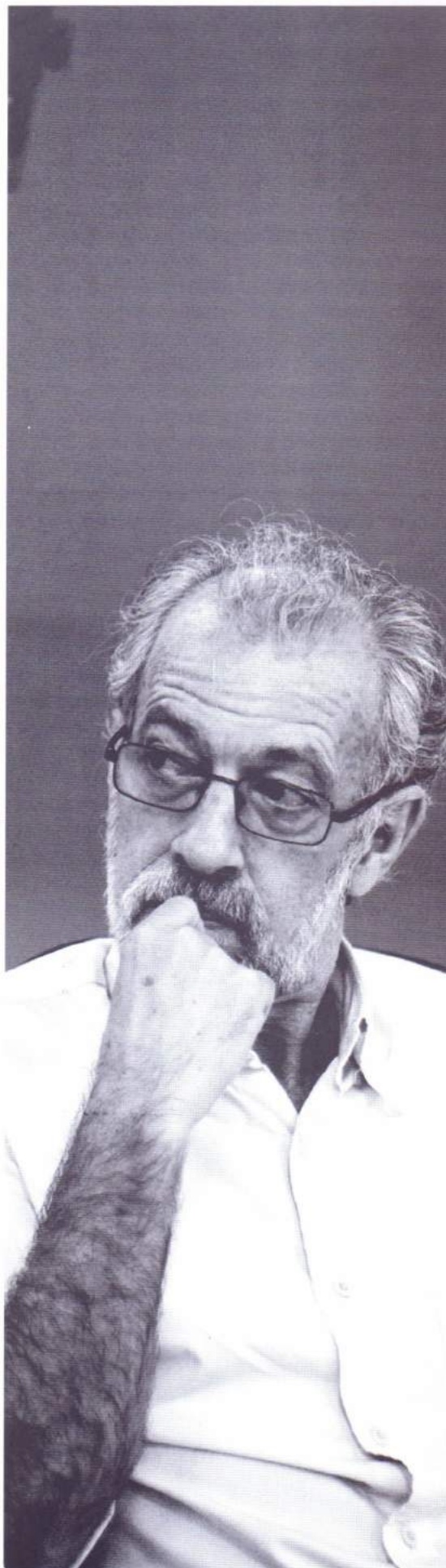
Silas – Em certo sentido sim. Elas me deixaram com um certo amargor em relação a esse projeto, sem essa falta de controle. Como sou muito perfeccionista, por eu ser meio obsessivo com algumas questões... Você não conseguir resolver determinados aspectos é algo que me deixa mal. Eu acho que é necessário alguém que consiga negociar melhor como gestor. Nesse sentido, ele tem de ser um negociador bem melhor do que eu. Porque eu vou espernear, vou morder, vou arranhar, sabe? Dar cotoco, mandar pra puta que pariu. Você acaba brigando com todo mundo, né? Você tem de negociar, você tem de entender que as coisas funcionam dessa maneira. E que o bom é melhor que o ótimo. Não tem essas coisas? E eu desisti disso. Então... Cargo de gestão, nunca mais na minha vida. Eu quero

Comprou uma Hasselblad digital, câmera sueca de médio formato. O equipamento é carinhosamente comparado a uma Ferrari.

é ser feliz.

Iana – Nesta última pergunta, vou dar um play num gravador. Um dia a gente estava num bar ouvindo aquela música assim: *“Da janela lateral do quarto de dormir”* (cantando) (*Paisagem da Janela, canção composta por Lô Borges e Fernando Brant, interpretada por Milton Nascimento*) e foi engraçado porque houve momentos que você parava, como se olhasse para trás. No mesmo dia você disse que era por não querer ser mais nada, que você queria ser uma pessoa melhor. Então eu queria perguntar, como quem olha para trás e quem olha pra frente. Qual será a próxima parada do Silas de Paula? Seria professor, “maluco”, fotógrafo?

Silas – Agora eu juro que queria ser fotógrafo, que nunca fui. É o que tenho procurado. A fotografia, pra mim, hoje, ela é... Não só o produto, mas toda a discussão, toda a reflexão e toda a pesquisa. Ela não é um produto final, mas é tudo o que envolve essa imagem. Eu estou procurando, agora, cada vez mais, ser esse fotógrafo. Que é pesquisador, reflete sobre, que escreve, que faz, experimenta. Que procura alguma coisa nesse sentido. Isso é muito bom quando você chega numa certa idade e por mais que você queira aparecer, – que a gente sempre quer e sou meio pavão nessas coisas, gosto de aparecer – se não acontecer, não é tão importante... Eu não vou ficar desesperado. Porque o que quero é uma rota, então, não tem chegada. Um processo. Não vou chegar nunca. E como não vou chegar nunca, não preciso me angustiar em qual o nível estou. A não ser que eu esteja nessa procura. Então, pra mim é suficiente, de alguma maneira. E ponto final.



Como já previa, virou coordenador do Mestrado em Comunicação. Parou de fumar porque adquiriu alergia à nicotina.

Estes textos curtos que você leu até agora são chamados de Janelas. Na revisão, vimos que ainda faltavam algumas. Depois de muito suor e esforço mental, descobrimos que há sempre uma janela no fim do túnel. Ou de uma edição.